

CONGRES MONDIAL POUR LA PENSÉE COMPLEXE
Les défis d'un monde globalisé
Paris, 8-9 décembre 2016

Formação para cidadania planetária: a relação professor e aluno alicerçado pela complexidade e transdisciplinaridade.

La formation à la citoyenneté mondiale: la relation entre l'enseignant et l'élève fondé par la complexité et la transdisciplinarité.

Edna Liz Prigol¹
Marilda Aparecida Behrens²

L'Éducation et l'apprendre à vivre : Les relations enseignant-enseigné

Résumé

O tema desta pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, realizada no grupo PEFOP do Programa de Pós-graduação em Educação PUCPR-BR, com o objetivo: Investigar as contribuições que a complexidade e a transdisciplinaridade podem trazer como subsídios para uma melhor relação entre professor e aluno com vistas formação para cidadania planetária. Problema: Quais as contribuições do pensamento complexo e da transdisciplinaridade como alicerce da relação professor-aluno com vistas a formar cidadãos do mundo? Destaca-se dos autores estudados: Morin, Moraes e Nicolescu. A pesquisa permitiu concluir que a complexidade e a transdisciplinaridade subsidiam a reforma de pensamento dos professores.

Mots clés

Relação professor-aluno; complexidade; transdisciplinaridade.

Abstract

Le thème de cette recherche qualitative, exploratoire a eu lieu dans le groupe PEFOP du programme d'études supérieures en éducation PUCPR-BR, afin d'enquêter sur les contributions que la complexité et la transdisciplinarité peuvent apporter des subventions pour une meilleure relation entre l'enseignant et la formation des étudiants en vue de la citoyenneté planétaire. Problème: Quelles sont les contributions de la pensée complexe et transdisciplinarité comme le fondement de la relation enseignant-élève, afin de former des citoyens du monde? Il convient de noter les auteurs étudiés: Morin, Moraes, Nicolescu. La recherche a conclu que la complexité et transdisciplinaire subventionnent la retraite pensée des enseignants.

Keywords

Relation enseignant-élève; complexité; transdisciplinaire.

¹ Edna Liz Prigol, Centro Internacional UNINTER- PR - BR, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da PPGE-PUCPR - BRASIL na linha de pesquisa Paradigmas Educacionais e Formação de Professores, prigoledna@gmail.com, celular 55 41 999846727.

² Marilda Aparecida Behrens, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Coordenadora do Grupo de Pesquisa-PEFOP Paradigmas Educacionais e Formação de Professores, marilab@gmail.com, celular 55 41 999757565.

1. Introduction

As inquietações e indagações nas relações professor-aluno na Educação Superior desencadeiam e impulsionam a realização de reflexões sobre a procura de alternativas para as incoerências presentes nas interações ocorridas em sala de aula na contemporaneidade.

O professor universitário hoje necessita além do domínio de conhecimentos específicos de sua área e saber ensiná-los, compreender o significado e a possibilidade de fazer com que os acadêmicos construam seus conhecimentos e possam utilizá-los para se transformarem em cidadão do mundo aptos a enfrentar as dificuldades impostas pela sociedade, pelo planeta, pelo cosmos.

A temática da relação professor-aluno que acolha a complexidade e a transdisciplinaridade levaram o grupo PEFOP- Paradigmas Educacionais e Formação de Professores, do Programa de Pós-graduação em Educação – PUCPR-BR a realizar uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória que gerou discussões sobre o tema com o objetivo de: Investigar as contribuições que o paradigma da complexidade e a transdisciplinaridade podem trazer como subsídios para uma melhor relação entre professor e aluno com vistas formação para cidadania planetária. Com foco nesta problemática optou-se por pesquisar: Quais as contribuições do pensamento complexo e da transdisciplinaridade como alicerce da relação professor-aluno com vistas a formar cidadãos do mundo? O processo investigativo envolveu 15 encontros, nos quais os pesquisadores discutiram seus posicionamentos a partir das sínteses de leituras de Morin, Moraes e Nicolescu que subsidiaram a produção do conhecimento a exemplo deste artigo construído pelos pesquisadores.

2. Développement

As leituras e as discussões no PEFOP permitiram perceber que hoje existe uma enorme exigência e necessidade de formar profissionais críticos, criativos, autônomos e competentes que estejam aptos a enfrentar os desafios postos na modernidade, em especial, com a decorrência dos avanços científicos e tecnológicos que provocaram grandes transformações na sociedade, no mundo. Este cenário necessita de pessoas que se apropriem de conhecimentos, desenvolvam habilidades e capacidades de raciocinar e gerar soluções oferecendo respostas aos diversos problemas a serem enfrentados. Estas transformações vêm



Association pour la
Pensée Complexe



alterando entre outras coisas os papéis dos profissionais, como já afirmava Moraes (1997, p. 20) na década de 90:

A ciência está exigindo uma nova visão de mundo, diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Por outro lado, acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais, a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver um mundo e nos posicionarmos diante dele. Já não podemos prescindir de uma visão mais ampla, global para que a mente humana funcione de modo mais harmonioso no sentido de colaborar para a construção de uma sociedade mais ordenada, justa, humana, fraterna e estável.

O crescimento que vem sendo potencializado com desenvolvimento científico e tecnológico tem proporcionado mudanças em muitas áreas, ocorridos principalmente ao acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação. Este cenário permite o questionamento sobre a relação professor-aluno, que deve corresponder às necessidades da atualidade e prevendo o futuro, abandonando “[...] a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico [...] que se tornou obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidária, integradora” (IMBERNÓN, 2010, p.7).

O professor para atuar neste século precisa compreender os novos desafios que lhes são impostos, perceber o colapso das velhas certezas, da docência obsoleta orientadas por linhas diretrizes individualistas, centralistas e transmissoras de verdades absolutas. A atualidade requer um profissional da educação diferente, com competências além da científica, pedagógica e didática, mas um professor que consiga na interação com seu aluno, construir recursos que os auxiliem a enfrentar e se adaptar aos novos problemas, conviver com as alterações, incertezas, transitoriedade dos conhecimentos e com as situações ambíguas e conflituosas.

A identidade do professor reflete em sua docência e, conseqüentemente, na sua interação com o aluno, pois, aquilo que pensa, suas percepções, sua consciência que “[...] por sua vez, é construída de maneira crescente e recursiva mediante processos de autorreflexão e de auto-organização constante, onde o produto é, ao mesmo tempo, causa e causante daquilo que produz” (MORAES, 1997, p.33), os professores se relacionam baseados no que sabem, como pelo que são, devendo ser visto de forma integral, corpo, mente e intelecto e não fragmentado entre o pessoal e o profissional, “[...] biologicamente falando, não dá para



Association pour la
Pensée Complexe



separar desenvolvimento humano do desenvolvimento profissional, já que o SER e o FAZER estão absolutamente co-implicados na corporeidade humana” (ibidem, grifos do autor).

O professor deve estar preparado para planejar ambientes e interações compreendidos como um ecossistema que possibilite a escuta sensível (MORAES, 2007), a afetividade, a amorosidade com rigorosidade (FREIRE, 1975), permitindo o desenvolvimento do acadêmico para estar apto a responder aos desafios postos pela sociedade, pelo mundo.

O professor não pode ficar cristalizado em ideias ultrapassadas ou voltado para ações pedagógicas geradas por pensamentos únicos, absolutos e inquestionáveis, precisa superar os entraves trilhando novos caminhos. A urgência de dialogar entre novos conhecimentos exige rever ações e interações não mais lineares, fechadas e reducionistas e buscar os diversos tipos de pensamentos que possibilitem à diversidade, o confronto, a reconstrução que autorizam uma forma diferente de ver, ser e atuar.

O mundo no qual vivemos está em constante transformação e autocriação, marcado por incertezas, provisoriedade, transitoriedade com um desenvolvimento acelerado dos conhecimentos e das tecnologias, tornando estes recursos flexíveis, em expansão e mudança incessante. O grande desafio que se impõem aos docentes é que o seu fazer pedagógico possibilite a relação professor-aluno, de modo a ampliar a aprendizagem com relação a ser e ao conviver, orientado para o desenvolvimento integral da pessoa para atuar como um cidadão responsável.

Os quatro pilares da educação³, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos ou conviver, aprender a ser, apontam reflexões sobre os caminhos da educação para a sociedade do século XXI entre elas, pistas, recomendações, objetivos e metas. Com relação às reflexões, destacamos a discussão sobre uma educação ao longo de toda a vida que deve primar por uma formação de qualificação com flexibilidade e para a aptidão para as relações interpessoais.

O pilar aprender a conviver traz o desafio do fazer pedagógico e da interação em sala de aula, ser imbuída de ações que levam a compreensão da convivência e do exercício de aprender a viver com o outro, respeitando a individualidade e a diversidade, aprendendo a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, ser empático de maneira a compreender os desejos, humores, temperamento, ideias, valores das pessoas com as quais convive, identificando a imprescindibilidade de trabalhar simultaneamente com a razão e a emoção.

³ Quatro Pilares da Educação: Relatório Internacional da UNESCO realizado em 1990, na cidade de Jomtien, na Tailândia, na Conferência Nacional sobre Educação, patrocinada pela UNESCO. Este relatório foi editado em 1999 e transformado no texto "Educação: um tesouro a descobrir".

Aprender a ser incita trabalhar a formação do aluno com vistas a se conhecer, saber suas possibilidades e limites, aprender a administrar seus desejos, medos e sentimentos para que possa agir com autonomia e ter a capacidade de discriminar suas emoções de modo a entender e orientar seu próprio comportamento. O aprender a aprender amplia a viabilidade de criar novos questionamentos, buscar novos caminhos, promover pensamentos divergentes, aprender com o erro, ações estas que coadunam com as exigências da contemporaneidade.

A universidade deveria ser gerenciada de maneira que possibilitasse ao acadêmico transformar o conhecimento empírico em conhecimento científico, educando-o com visão histórica, política, social e cultural para que pudesse compreender a heterogeneidade, desenvolver a autonomia, a reflexão e compreensão do contexto histórico no qual está inserido, de maneira que possa interferir transformando a realidade social. O professor nesta visão não deve ser licenciado, (FREIRE, 1992) permissivo, espontaneísta e autoritário, mas ser a autoridade em sala de aula, atuando democraticamente, com ética, criticidade, como mediador, instigando para que o aluno possa se instrumentalizar com conhecimento que o capacite para atuar no meio em que convive.

Para alterar as interações em sala de aula é necessária uma “reforma no pensamento” (MORIN, 2008, p. 88-89), isto é uma quebra de paradigma na maneira de pensar, ver, sentir e agir como necessidade de um pensamento:

- Que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- Que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- Que reconheça e trate as realidades, que são concomitantes solidárias e conflituosas como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo regula;
- Que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade.

Diferentes autores vêm pensando sobre a necessidade de um novo pensamento, Capra (1996, p. 24), afirma que estamos desprovidos de um pensamento ecologizado, sistêmico, holístico, complexo e transdisciplinar que gere “[...] uma profunda mudança em nossas visões de mundo; da visão de mundo mecanicista de Descartes e de Newton para uma visão holística, ecológica” capaz de fazer interconexões com os diversos saberes e com as dimensões do triângulo da vida indivíduo/sociedade e natureza. Neste sentido, D’Ambrósio (1998) explica a interdependência e a complementaridade dos processos, ou seja, explica a dependência do indivíduo em dependência ao meio ambiente e ao contexto no qual está inserido.

Alterar o paradigma na educação é uma necessidade a partir do momento que compreendemos que a realidade circundante e os problemas contemporâneos que podem ser considerados polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários, “[...] necessitamos que se cristalice e se enraíze um paradigma que permita o conhecimento complexo” (MORIN, 2004, p.32) para que possamos reformar o pensamento e alterar a prática pedagógica e relação professor-aluno na educação superior.

Precisamos ampliar a percepção de mundo e do processo educacional, reforçando a ideia do global em vez de local, visão sistêmica em oposição à fragmentação, a interdependência posicionada pelo pensamento ecológico, a concepção de totalidade e não mais de separatividade. Perceber o ser humano integral não o dividindo em mente e corpo, interno e externo, sujeito e objeto, hemisférios da razão e o da emoção.

Neste novo paradigma a escola, segundo Ferguson (1992), educa para a incerteza, voltada para um ensino pela transcendência, isto é que vai além do espaço temporal da instituição formal de ensino, primando pelo desenvolvimento de pessoas saudáveis para atuarem na sociedade como produtores sustentáveis, respeitando a vida em todas as suas formas, focando na responsabilidade individual, global e planetária.

A complexidade, proposta por Morin (1999), busca o diálogo entre as ciências e as relações entre todos os tipos de pensamento não como um dogma, mas como um desafio a ser enfrentado, pois a complexidade é “[...] o pensamento capaz de reunir *complexus*: aquilo que é tecido conjuntamente, de contextualizar, de globalizar e também capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto” (MORIN, LE MOGNÉ, 2000, p. 207).

Criar ambientes dinâmicos, flexíveis e abertos, possibilitando o desenvolvimento cognitivo, mas também o afetivo, permitindo uma relação de generosidade, de ética, de companheirismo, de diálogo, de busca de solução de conflitos, de respeito às diferenças e a diversidade. Os professores precisam ser habilidosos, competentes, com sensibilidade afetiva, compromissados e facilitadores de interações com os alunos que leve em consideração às necessidades e as diferenças de cada grupo ou de cada aluno. Deve ainda compreender o aluno dentro do contexto no qual está inserido: família, escola, sociedade, comunidade global e cosmos e ainda ser provocador de questionamentos, estimulando o pensamento crítico, reflexivo e que possam contribuir para a formação de cidadãos planetários preparados para defrontar os desafios contemporâneos, buscando ir além das perspectivas limitadoras e unidimensionais das relações.

É necessário pensar a relação professor-aluno de modo que seja circundada de diferentes maneiras de pensar, que considere a heterogeneidade de juízos e pontos de vistas, de pensamentos que une, mas não separe, que considere a incerteza, as contradições, a provisoriedade, a transição, enfim a mudança para que possamos ver a realidade verdadeira e não estática e linear, mas que leve em conta a subjetividade, os diferentes saberes, a clareza do outro em uma visão pensada como um todo.

Diante de um mundo cada vez mais complexo em que as distâncias são encurtadas pelo incremento das tecnologias de informação e comunicação, pelo consumismo desenfreado, pelos múltiplos desafios deste século, pela preocupação ecológica e o desenvolvimento sustentável, necessitamos de uma educação transdisciplinar que busque desenvolver um homem integral, contemplando não somente a sua racionalidade, mas também suas dimensões emocionais e espirituais.

A Transdisciplinaridade não é algo inédito, irreal e nem mesmo um modismo, mas uma postura que reconhece que não existe o certo e o errado, mas sim uma atitude aberta de respeito mútuo a diversidade cultural, social, religiosa rejeitando a arrogância e a prepotência. “A transdisciplinaridade leva o indivíduo a tomar consciência da essencialidade do outro e da sua inserção na realidade social, natural, planetária e cósmica” (D’AMBRÓSIO, 2012, p. 2), por meio do respeito mútuo, da solidariedade e cooperação com o outro, com a comunidade e com o planeta.

A abordagem transdisciplinar sustentada pela complexidade, pela lógica do terceiro incluído e pelos níveis de realidade e de percepção leva o professor repensar sua relação com o aluno, a necessidade de fazer a correspondência entre o mundo interno do aprendente com o mundo externo e ainda permite a compreensão, a inclusão de valores, o compartilhamento e a harmonia entre a mente, sentimentos e corpo (NICOLESCU, 2002), perceber o aluno na sua multidimensionalidade, identificar a existência de diferentes estilos de aprendizagem, resgatando a escuta sensível, propondo ambientes acolhedores intelectualmente e emocionalmente, dinâmicos, flexíveis, mais cooperativos e solidários, pois os professores,

[...] deverão acreditar que os alunos são capazes, que tem emoções, que tem capacidade, que são inventivos e que, principalmente, são capazes de estabelecer relações dialógicas nas quais possam realizar um trabalho coletivo, participativo, criativo e transformador na construção de um mundo melhor (BEHRENS, 2005).

Para tanto, os professores necessitam acolher a visão de complexidade e buscar caminhos transdisciplinares para ensinar e aprender.

3. Conclusions

O grupo PEFOP ao realizar esta pesquisa com objetivo de investigar as contribuições que o paradigma da complexidade e a transdisciplinaridade podem trazer como subsídios para uma melhor relação entre professor e aluno com vistas formação para cidadania planetária e responder ao problema: Quais as contribuições do pensamento complexo e da transdisciplinaridade como alicerce para a estruturação da relação professor-aluno que prepare estes para serem cidadãos do mundo? Permitiu perceber por meio da leitura crítica e reflexiva de Morin, Moraes, Nicolescu entre outros autores investigados, que a complexidade e a transdisciplinaridade podem subsidiar a formação de profissionais que desejam reformar seu pensamento (MORIN, 2000a). A própria vivência no grupo de pesquisadores que se debruçaram na temática levou a expressar na produção do conhecimento, a reflexão sobre a necessidade de estabelecer como meta de vida ser cidadão do mundo, fazer diferença para a humanidade e atuar como professores interessados em construir um mundo melhor, mais justo e solidário, e, neste movimento contínuo traçar caminhos que alicercem a cidadania planetária.

4. Bibliographie

BEHRENS, M. A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

D'AMBROSIO. *Transdisciplinaridade*. SP: Palas Athena, 1998.

_____. *A prática transdisciplinar na universidade*. In: In: Formação de professores: elos da dimensão complexa e transdisciplinar. Goiana: Ed. Da PU Goiás, 2012.

FERGUSON, M. *Ver e voar: Caminhos para o aprendizado*: In: Conspiração Aquariana. 7ed. RJ: Record, 1992. (Cap. 5, p. 264 – 305).

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. RJ: Paz e Terra, 1992. (p. 105- 136).

_____. *Pedagogia do Oprimido*. RJ: paz e Terra, 1975.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional*. Formar-se para a mudança e a incerteza. 8 ed. São Paulo Cortez, 2010.

_____. *Formação permanente do professorado*. Novas tendências. SP: Cortez, 2009.

MORIN, E. *Os Sete Saberes necessários à educação do futuro*. Cortez, 2004.

_____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000a.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ed. Porto Alegre: Sulina. 2007.

_____. *O método 01: A natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulinas, 2005a.

_____. *O método 02: A vida da vida*. Portugal: Europa –América, 1992.

_____. *O método 06: Ética*. Porto Alegre: Sulinas, 2005b.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. RJ: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal: Edufrn, 2000b.

MORIN, E.; LE MOGNÉ, J. L. *A Inteligência da Complexidade*. SP: Petrópolis, 2000.

MORAES, M.C. *Paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. *A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade*. In: Revista Diálogo Educacional. Curitiba- Pr: Editora Champagnat, v. 7, n. 22, p.13-38, set/dez. 2007.

_____. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*, Petrópolis: vozes, 2004.

_____. *Transdisciplinaridade e educação*. In: Formação de professores: elos da dimensão complexa e transdisciplinar. Goiana: Ed. Da PU Goiás, 2012.

_____. *Ecologia dos saberes*. Complexidade, transdisciplinaridade e educação. SP: Antakarana, 2008.

NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. SP: Triom, 1999.

_____. *Fundamentos Metodológicos para o Estudo Transcultural e Transreligioso. Educação e Transdisciplinaridade, II*, pp.45-70. São Paulo, TRIOM, 2002.